

OS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO E SEUS IMPACTOS NA TRAJETÓRIA DE VIDA DAS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TÉCNICA A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE GÊNERO.

JULIANA ROLDÃO BITTENCOURT¹; PROF.^a DR.^a MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – julianaroldaobittencourt@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nossa proposta a ser apresentada no ENPOS, traz como tema central, a pesquisa que está em curso, no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, e que nomeia esse resumo. Essa pesquisa tem como premissa, discutir os processos de escolarização das estudantes regularmente matriculadas no curso de Edificações, do Câmpus Pelotas do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IF Sul), na modalidade de Jovens e Adultos (EJA). Nossa intenção é, a partir desse estudo, compreender os diferentes impactos dos processos de escolarização sobre a trajetória de vida dessas mulheres, sobretudo no âmbito da Educação Profissional e Técnica (EPT), ambiente inicialmente pensado para a formação de mão-de-obra masculina. Diante disso, pretende-se problematizar essas questões sob a ótica dos estudos de gênero e dos feminismos, aliando tais concepções, às discussões sobre educação e divisão sexual do trabalho.

Quem são essas mulheres? Que trajetórias de vida trilharam até chegarem à Educação Profissional? De que forma tiveram acesso aos bancos escolares? Foram cotistas? O que norteou a escolha do curso e da Instituição? Como sentiram-se no ambiente acadêmico da educação profissional, sobretudo, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos? Percebem a educação profissional como um diferencial para seu acesso ao mundo do trabalho? Esses são alguns dos questionamentos que nos ocorrem, os quais pretendemos elucidar durante o curso dessa investigação.

Para subsidiarmos esse estudo, apoiamos nossas reflexões sobre concepções feministas, traçando ao longo da pesquisa um recuo histórico no tempo, exemplificando como se construiu, alicerçada em diferentes discursos e convicções, a trajetória da educação feminina. Utilizamos como base de nossas ponderações, autoras que nos auxiliam na compreensão dessa temática, abordando conceitos como o dogma da desigualdade natural (BADINTER, 1985), que nos remetem à inferiorização da figura feminina, e a construção de sua identidade como ser de natureza frágil e subalterna, que deveria ser educada apenas para tornar-se “agradável” (WOLLSTONECRAFT, 2016).

Trabalhamos ainda, com a concepção de Lerner (2013) a respeito da criação e manutenção do patriarcado, além do conceito de divisão sexual do trabalho, alicerçando nossas reflexões em Kergoat e Hirata (2009), também em Biroli (2018). Saffioti (2013) também subsidia nossas discussões acerca dessas questões, pois apesar de nunca ter se declarado uma autora feminista, ela ampliou a visão e as discussões sobre as temáticas referentes à mulher e o seu acesso à escolarização

e ao mundo do trabalho, apresentando portanto, extrema relevância para os estudos que versam a respeito.

Importante destacar que, além das bibliografias já citadas, utilizamos como referencial legislações que subsidiam não apenas a questão da educação, sobretudo da educação profissional, mas também as legislações que subsidiam a modalidade EJA. Como mencionamos no início, por ser uma pesquisa que ainda está em andamento, foram apresentados apenas alguns dos nomes que comporão o arcabouço teórico desse estudo.

2. METODOLOGIA

Do ponto de vista epistemológico, estamos alicerçando a pesquisa nos princípios do Materialismo Histórico e Dialético, de acordo com a ótica do Marxismo, por traduzir uma visão de mundo que parte de uma análise crítico-reflexiva da sociedade, e expõe as diferentes opressões que estão postas nesse meio social. A análise dialética, possui dentre suas finalidades, trazer à tona os confrontamentos ideológicos que estão implicados no seio das relações de classe. Portanto, compreendemos que tal enfoque teórico pode contribuir para uma visão mais apurada da realidade, visto que busca explicá-la com a intenção, não apenas de compreendê-la, mas também, de estabelecer bases teóricas que possibilitem uma transformação das desigualdades sociais, sejam elas marcadores sociais de raça, de classe ou de gênero.

No que diz respeito à abordagem metodológica, estamos utilizando uma abordagem quali-quantitativa, pois compreendermos, como menciona Triviños (1987) que “toda pesquisa pode ser, ao mesmo tempo, quantitativa e qualitativa”. Qualitativa, por garantir a flexibilidade necessária para adoção de diferentes técnicas de pesquisa e de coleta de dados, além de nos propiciar uma maior riqueza de detalhes e informações, uma vez que o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições e considera todos os dados da realidade envolvida, proporcionando assim a obtenção de dados descritivos, e preocupando-se em retratar as questões abordadas, de acordo com a ótica dos participantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13). Quantitativa, pois temos a intenção de nos valer também de dados quantitativos no sentido de contribuir para uma maior compreensão da realidade, buscando estar em coerência com o método dialético, aliando assim qualidade e quantidade, uma vez que tais princípios não são conceitos dissociados (GATTI, 2007).

Outra questão que convém ressaltar a respeito, é que ao utilizar essa abordagem mista, pretendemos evitar o que Gamboa (2003) menciona como reducionismo técnico. Ou seja, nossas escolhas não refletem simplesmente uma opção, mas a abordagem escolhida, seja qualitativa, quantitativa ou mista, traduz a visão epistemológica que subsidia nossa percepção de mundo e vai fundamentar também nossas análises enquanto pesquisadores. No que diz respeito a coleta de dados, pretendemos nos valer de fontes (auto)biográficas, como os relatos orais e as entrevistas narrativas, utilizando como base teórica as autoras Delory-Momberger (2012) e Josso (2004). Cabe destacar, que a definição concreta das técnicas de coleta de dados a serem utilizadas está em discussão e, portanto, apresentamos a metodologia, neste momento, de forma bastante reduzida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito ao estudo em andamento, não possuímos, ainda, resultados concretos. Todavia, compreendemos serem de grande valia as pesquisas nesse sentido, por termos, durante o curso de Mestrado, trabalhado com

uma temática semelhante, que observou variáveis como rendimento acadêmico, frequência escolar e a relação dos estudantes com os professores e espaço da escola, dentre outras questões. Na ocasião, os sujeitos de pesquisa, foram os(as) alunos(as) beneficiários(as) do Programa Bolsa Família, matriculados(as) nos cursos da Instituição. Naquele momento, não embasamos nossas análises sob o enfoque de gênero, levamos em conta prioritariamente o marcador social de classe, analisando as questões que surgiram ao longo do estudo sob a ótica das relações que os alunos constroem com o saber, embasando nossas reflexões, especialmente nas concepções de Charlot (2005).

No entanto, foi possível observar que essas relações que se constroem com o saber e com o espaço acadêmico, são influenciadas por diversos outros fatores, que não apenas o marcador de classe. Diante disso, sentimos a necessidade de ampliar nossas análises, partindo de um outro olhar mais abrangente, abordando temáticas que envolvam outros marcadores como raça, classe e gênero. Nossa intenção é buscar uma compreensão mais apurada da realidade, e assim, contribuir no sentido de amplificar os debates e discussões relativas às temáticas de gênero e feminismos, trabalhando-as com base nos conceitos já mencionados, e aliando ainda, essas discussões à esfera da educação profissional e técnica, analisando assim, quais impactos tais questões trazem para os processos de escolarização na vida dessas estudantes. Considerando a necessidade de qualificação para darmos seguimento à pesquisa, temos trabalhado até então, questões de cunho teórico, aprofundando leituras, e estabelecendo relações entre as bibliografias estudadas e a realidade perceptível.

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto até então, compreendemos que os temas que vem sendo trabalhados por meio dessa pesquisa em andamento, possuem potencial de contribuir para ampliar discussões e debates, para dar voz às mulheres e às situações de opressão que vivenciam, seja em casa, no trabalho, nas Escolas/Universidades, enfim. Opressões estas, impostas pelo capital e pelo patriarcado (COLLINS, 2015), portanto, nossa intenção vem no sentido de ampliar o campo dos debates e das denúncias, buscando uma análise multidimensional, quali-quantitativa, dessas opressões, que não se paute apenas pela análise das categorias de raça, classe e gênero separadamente (VERGÈS, 2020), mas que compreenda que tais questões estão articuladas entre si, contribuindo para todo um cenário de desigualdades, que apresenta a figura da mulher, como papel central.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** São Paulo: Nova Fronteira, 1985.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2018.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação de hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

COLLINS, Patricia Hill. **Reflexões e práticas de transformação feminista.** Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. 96p. ISBN 978-85-86548-26-0

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica.** Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, p. 523-536, set.-dez. 2012.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Revista Contrapontos.** Brasil, Itajaí – SC; vol. 3, n. 3, set/dez, 2003.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil.** Brasília: Líber Livro, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** Editora Cortez: São Paulo, 2004.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al (org.). **Dicionário Crítico do Feminismo.** Editora UNESP: São Paulo, 2009, p. 67–75.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.** Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A; **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

SAFFIOTI, Helleieth I. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** Traduzido por Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020. ISBN: 978 85 7126 062 7

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação do Direito das Mulheres.** Tradução: Ivania Pocinho Motta. 1. ed. São Paulo: Boitempo. Iskra, 2016.